

PERCORRENDO LABIRINTOS. REFLEXÃO SOBRE UM ESTUDO COM *GROUNDLED THEORY*

Going through labyrinths. Reflection on Grounded Theory study

ÂNGELA SOFIA LOPES SIMÕES | Enfermeira Especialista em Enfermagem Médico-Cirúrgica. Mestre em Cuidados Paliativos. Doutora em Enfermagem. Enfermeira Equipa Intra-Hospitalar de Suporte em Cuidados Paliativos da Unidade Local de Saúde de Castelo Branco. Professor Adjunto Convidada da Escola Superior de Saúde Dr. Lopes Dias, Instituto Politécnico de Castelo Branco [angela.simoes@gmail.com]

ANA PAULA GONÇALVES ANTUNES SAPETA | Enfermeira Especialista em Enfermagem Médico- Cirúrgica. Pós graduada em Cuidados Paliativos. Mestre em Sociologia. Doutora em Enfermagem Professor Coordenador da Escola Superior de Saúde Dr. Lopes Dias, Instituto Politécnico de Castelo Branco

As duas autoras são Investigadores Doutorados Integrados da Age.Comm – Unidade de Investigação Interdisciplinar – Comunidades Envelhecidas Funcionais.

Um estudo que utiliza a *Grounded Theory* (GT) exige ao investigador conhecimento do método e do processo, ao embarcar numa jornada por um labirinto de diferentes desafios teóricos e práticos. Um desses desafios envolve a compreensão dos princípios fundamentais da GT, com a teoria a emergir, profundamente enraizada, nos dados recolhidos. O momento em que os dados começam a encaixar-se e a fazer sentido é muitas vezes descrito como mágico ou como defendia Anselm Strauss “*Eureka moment!*”. Este artigo metodológico pretende apresentar não os resultados de um percurso, mas o próprio percurso efetuado, durante a investigação acerca da Promoção e Preservação da Dignidade no contexto de Cuidados em Lares de Idosos, realizada no âmbito do Doutoramento em Enfermagem da Universidade de Lisboa. Muitas vezes pautado pela dúvida, inquietação e desassossego, mas também pela surpresa e entusiasmo. Reflete a jornada pelos labirintos da construção de congruência entre epistemologia, ontologia, paradigma, metodologia, contexto, recolha e análise dos dados.

PALAVRAS- CHAVE: Investigação; Paradigma interpretativo; Grounded Theory.

A study using Grounded Theory (GT) requires the researcher to know the method and the process as he embarks on a journey through a maze of different theoretical and practical challenges. One of these challenges involves understanding the fundamental principles of the GT which argues that theory emerges from data collected during data analysis and is deeply grounded in them. The moment the data begin to fit in and make sense is often described as magical or as advocated by Anselm Strauss “Eureka moment!”. This methodological article intends to present not the results of a course, but the course itself carried out during the research on the Promotion and Preservation of Dignity in the context of care in Nursing Homes, carried out in the scope of the PhD in Nursing of the University of Lisbon, often roused by doubt, concern and restlessness, but also by surprise and enthusiasm. Reflects the journey through the labyrinths of epistemology, ontology, paradigm, methodology, context, data collection and analysis pending the emergence of theory.

KEYWORDS: research; Interpretive paradigm; Grounded Theory.

INTRODUÇÃO

A Enfermagem enquanto disciplina tem a responsabilidade de contribuir, permanentemente, com a produção de conhecimentos capazes de sustentar ações de cuidado culturalmente congruentes, tecnicamente competentes, moralmente aceitáveis e que contribuam para preservação e promoção da vida nas diversas situações do processo de viver humano. Para o avanço e consolidação da enfermagem enquanto ciência é fundamental o desenvolvimento de teorias que deem sustentação ao conhecimento próprio da Enfermagem e, por conseguinte, que este seja a base de uma prática profissional, autônoma e fundamentada cientificamente.

A investigação em Enfermagem agrega um conjunto de múltiplas práticas, métodos, formas e foco multiparadigmático que permite abordar questões e temas entrelaçados e sobrepostos, no fundo complexos.

A investigação qualitativa em Enfermagem oferece a possibilidade de aproximação às dimensões subjetivas das experiências, das ações e interações humanas, ultrapassando a visão estritamente biomédica, comum na abordagem do processo saúde-doença. Responde a uma ampla variedade de questões relacionadas com a preocupação da Enfermagem com respostas humanas a problemas reais ou potenciais de saúde.

Existem diferentes olhares, correntes de pensamento e distintos caminhos metodológicos. A eleição de uma estratégia dependerá igualmente da questão de investigação e do posicionamento do investigador num paradigma.

A *Grounded Theory* (*GT*) é uma metodologia de investigação destinada a desenvolver, através da recolha e análise de dados, que são principalmente (mas não exclusivamente) qualitativos, um conjunto bem integrado de conceitos que fornecem uma explicação teórica de um fenómeno social. É uma poderosa metodologia de investigação para compreender o comportamento da Pessoa, em situações socialmente construídas. Por isso, é especialmente relevante para os investigadores em Enfermagem.

A *GT* oferece um método detalhado, rigoroso e sistemático de análise, com a vantagem do investigador não precisar conceber hipóteses preliminares. Portanto, permite uma maior liberdade para explorar a área de investigação e permitir que as questões surjam.

O grande objetivo da *GT* é gerar constructos teóricos que expliquem a ação humana inserida no seu contexto social. Os processos sociais que constituem esse contexto, são as bases para o investigador explicar o fenómeno, utilizando abordagens indutivas e dedutivas. O valor desta metodologia, e que a distingue das demais metodologias qualitativas, está justamente na capacidade de criar teoria. Para o processo de análise, a interpretação é o elemento-chave, sendo exaustivamente sistemática. Um estudo de *GT* irá transcender a descrição densa para gerar uma teoria substantiva.

Descrever um percurso ancorado na *GT*, com etapas vividas em simultâneo, é difícil, já que a recolha e análise de dados coexistiram numa determinada temporalidade, retroalimentando-se e permitindo a evolução da investigação. Por isso a organização deste artigo em fases (capítulos) estanques e precisas, é uma ilusão da escrita apenas para facilitar a sua leitura e compreensão.

ONTOLOGIA, EPISTEMOLOGIA, PARADIGMA E METODOLOGIA

PERCORRENDO
LABIRINTOS.
REFLEXÃO
SOBRE UM ESTUDO
COM GROUNDED
THEORY

Comecei este estudo, acerca da Promoção e Preservação da Dignidade no contexto de Cuidados em Lares de Idosos, intimidada com a linguagem da investigação. Sem as competências dos grandes teóricos e sem entender completamente os significados dos termos “ontologia”, “epistemologia”, “paradigma” e outros tantos mais, como poderia desenvolver uma teoria?

As muitas horas dedicadas à leitura, ainda na fase de construção do projeto de investigação, ajudaram-me a encontrar o meu lugar como investigadora e a examinar os fundamentos filosóficos e teóricos dos diferentes paradigmas de investigação. Entendi (finalmente) que a ontologia gira, entre outros aspetos, em torno da discussão da existência ou não de uma única realidade objetiva e a epistemologia está relacionada com a natureza do conhecimento e como o conhecimento pode ser obtido (Guba & Lincoln, 1994).

Para enquadrar o meu estudo ontológica, epistemológica e metodologicamente, revisei os meus objetivos e fenómeno em investigação, considerei a minha visão do mundo e refleti sobre a forma de estar, no meu estudo. Além disso como investigadora, enfermeira e docente (com incursões multidisciplinares), as minhas decisões não são livres de preconceitos. Experiências, paixões, julgamentos e crenças infiltram-se e influenciam a forma como percebo o fenómeno e as minhas predisposições metodológicas. Comecei a encontrar o meu caminho e ao aprofundar o *conhecimento acerca* dos teóricos que acreditam que há uma realidade objetiva, mas que a realidade é interpretada através de valores sociais, políticos, culturais, económicos, étnicos e de género (Guba & Lincoln, 1994) senti que me aproximava de algo que se parecia com minha forma *de estar no mundo*. Tinha encontrado o *meu* paradigma. Um paradigma é aquilo que nos permite olhar o mundo e identificar o que nele é, para nós, importante (Bogdan & Biklen, 1994) e pode ser visto como “*um conjunto de crenças básicas que tratam de princípios de partida ou chegada*” (Guba & Lincoln, 1994, p. 107).

Com a questão *Qual o processo de promoção e preservação da dignidade no contexto dos cuidados em lares de idosos?* afastei-me claramente de uma conceção positivista da ciência, segundo a qual existe uma realidade externa que pode ser objetivamente estudada por um sujeito conhecedor, observador distante e externo, e aproximo-me de uma conceção que permita uma análise mais flexível do material recolhido, assim como a “*compreensão das experiências e dos significados que os seres humanos constroem em interação*” (Fernandes & Maia, 2001, p.50).

Aproximei-me, por isso, de uma perspectiva relativista da realidade que encara o mundo real vivido como uma construção dos atores sociais que, em cada momento e espaço, constroem o sentido humano dos acontecimentos e fenómenos do presente e reinterpretam o passado (Schwandt, 2001). O interesse da investigação centra-se no significado humano e na vida social (Erickson, 1989), a realidade é construída socialmente, com variáveis complexas e interligadas, valorizando a compreensão e a explicação, sem ter por objetivo a previsão, através da verificação de leis ou a generalização de hipóteses, pretende-se desenvolver e aprofundar o conhecimento de uma dada situação num dado contexto (Glesne & Peshkin, 1992).

O paradigma interpretativo assume um conjunto de procedimentos metodológicos naturalistas, uma ontologia relativista e uma epistemologia subjetivista

(Denzin & Lincoln, 2000). O conhecimento desenvolve-se ao aceitar a realidade como dinâmica, múltipla e holística, construída e divergente, realçando a sua interpretação e compreensão. As noções de explicação, previsão e controlo do paradigma positivista são substituídas por noções de compreensão, interpretação e sentido. Conhecer é compreender comportamentos humanos, sentidos e intenções dos participantes que intervêm no contexto (Denzin & Lincoln, 2000).

Associa-se, neste estudo, uma epistemologia da complexidade. Morin (2002) entende a complexidade como um tipo de pensamento, que não separa, mas une e procura as relações necessárias e interdependentes de todos os aspetos da vida humana. Trata-se de um pensamento que integra diferentes modos de pensar, opondo-se aos mecanismos reducionistas, simplificadores e disjuntivos. Na complexidade, há um entrelaçado interdependente entre o objeto e o contexto, entre as partes e o todo, entre o todo e as partes e das partes entre si (Morin, 2005). Não se trata de buscar o conhecimento geral nem a teoria unitária, mas de encontrar uma forma de aprender, interrogar-se e repensar. O pensamento complexo “*não será capaz de abrir todas as portas, mas um pensamento onde estará sempre presente a dificuldade*” (Morin, 1996, p. 274). Significa que abandonamos um tipo de explicação linear por um tipo de explicação em movimento, dinâmica, circular, aonde vamos das partes ao todo, do todo para as partes, para tentar compreender um fenómeno.

A complexidade não é a palavra mestra que vai explicar tudo. É a palavra que instiga a explorar tudo. O pensamento complexo vigia o incerto, o confuso, o indivisível, o indizível (Morin, 2005). Portanto, a ambição da complexidade é o conhecimento multidimensional respeitando as diversas dimensões de um fenómeno.

Esta investigação envolveu indagações sobre “*como se promove e preserva a dignidade no contexto de cuidados em lares de idosos*”, substrato empírico que motivou a busca da compreensão do fenómeno. Um objeto multifacetado obriga à deambulação por diversos locais com a utilização flexível das técnicas disponíveis, ao encontro dos indivíduos e dos grupos, em diferentes contextos, com diferentes mecanismos discursivos e práticos, não num esforço único de triangulação, numa aceção tradicional de busca da verdade última, mas sim para estabelecer conexões e multiplicar o campo das possibilidades.

Ouvir as *estórias das gentes* faz parte de mim como investigadora e enfermeira, por isso foi tão importante investigar com a *GT*, que mistura a arte com a ciência e a interpretação com narrativa complexa (Strauss & Corbin, 2008) para construir uma teoria. Por isso o percurso de investigação transitou pelos pressupostos do paradigma interpretativo tomando a *GT* como perspetiva metodológica. Esta opção configura uma postura de abertura ao novo e ao inusitado, de onde decorrem tentativas de apreender e compreender algo que está presente, há muito à espera de ser contado, mas que os condicionamentos arreigados às ideias positivistas convencionais acabaram por obscurecer a visão e a perceção.

A ontologia e epistemologia adotadas aceitam que o conhecimento não é estático, mas é sempre emergente e em transformação, sendo interpretado pelo observador e pelo participante. Somente por meio da interação e do discurso o sentido pode ser desbloqueado e captado e interpretado pelo observador.

A exploração do fenómeno de preservação e promoção da dignidade das pessoas residentes em lares de idosos, fenómeno complexo, multifatorial e multidimensional, requer métodos e meios para descobrir um fenómeno que pode

ser obscurecido por suposições implícitas e ofuscada pela representação atual dos fenómenos de envelhecimento e da morte.

Percebi que o caminho abrir-se-ia para uma investigação dedicada à atribuição de sentidos, às relações e inter-relações que o constructo dignidade exige. A ampla tarefa que se desvendava era romper com a rigidez racional e operacional e identificar novas rotas de investigação.

A *GT* desenvolvida por Glaser e Strauss ofereceu-me o caminho a seguir: um conjunto de procedimentos estruturados e um meio de gerar teoria, com foco na variação e elaborada complexidade, procurando mostrar o significado de processos sociais e como condições contextuais estruturam o processo social. Permite estudar fenómenos complexos (Charmaz, 2009), acomoda questões sociais (Glaser & Strauss, 1967) e é adequado para estudar experiências socialmente construídas (Goulding, 1998; Charmaz, 2009). Estas características fazem da *GT* a metodologia de excelência quando se investiga a promoção e preservação da dignidade, fenómeno simultaneamente abstrato e fortemente enraizado em aspetos tangíveis da vida social.

Apesar das decisões tomadas, precisava saber mais. Além disso, Skodol-Wilson & Ambler-Hutchinson (1996) salientam que os investigadores são obrigados a especificar se os métodos e técnicas selecionados se baseiam na abordagem original de Glaser e Strauss (1967), na de Strauss e Corbin (1990), na interpretação de Glaser (1992) ou outra da *segunda geração*. Voltei a ler as obras seminais de Glaser e Strauss (1967), Strauss e Corbin (1990), Glaser (1992), Strauss e Corbin (2008), Bryant e Charmaz (2007), Charmaz (2009) e Morse et al (2009).

No enquadramento desta investigação assumi a responsabilidade do papel interpretativo e de incluir as perspetivas das vozes que são estudadas (Fernandes & Maia, 2001). Dito de outro modo, coloquei-me mais perto dos investigadores da *GT* que acreditam que na investigação científica é possível relatar ou dar voz às perspetivas das pessoas, grupos ou organizações estudadas, mas que assumem a responsabilidade “*pela interpretação do que observam, ouvem ou leem*” (Strauss & Corbin, 1990, pp.274) e que defendem que “*teorizar é um ato de construção*” (Strauss & Corbin, 1990, p.25). Optei pela escola *Strausseriana*.

O CAMPO

Estive cerca de vinte e um meses em campo, em contacto direto com o contexto do estudo. Esta “*imersão no local de estudo*” (Janesick, 2000, p. 391) teve como objetivo estudar, através da recolha e simultânea análise de dados, a realidade para que a teoria que viesse a ser desenvolvida como produto desta investigação fosse, de facto, enraizada nos dados (Glaser & Strauss, 1967; Strauss & Corbin, 2008).

Iniciei a recolha de dados através da observação, mas adiei, de modo mais ou menos consciente, uma observação sistemática. Fi-lo porque o início da fase de recolha de dados coincidiu com a aprendizagem pessoal da *GT* e a sua adequação aos interesses da investigação. Segundo Strauss e Corbin (2008) a observação e a atenção do investigador variam ao longo do estudo podendo ser geral e não focada, focada ou seletiva. Assim, optei por ser mais abrangente nas observações registadas, deixando a seleção de situações específicas, mais criteriosa e exaustiva, para momentos posteriores da investigação.

As primeiras visitas ao lar foram perturbadoras. Sabia que investigar “*de perto e de dentro*” (Magnani, 1986) implicava compreensão do espaço e de um viver mais lento, mais pausado, o que requereu um treino do olhar. Curioso para mim, como investigadora, foi perceber que precisava dar ao contexto um tempo que sentia que não tinha. Cedo percebi que teria que pensar sob uma outra perspectiva: a do *tempo do lar*. Um tempo que passa mais devagar, ou nem passa. Um tempo com múltiplas temporalidades. A lógica de maximizar a produtividade, na maior velocidade possível e economizar tempo não existe entre os residentes. Quando entrava no lar, em cada dia, era isso que sentia, essa desaceleração, esse ritmo específico, um tempo diferenciado. Trajetos lentificados, cuja lógica, às vezes, escapava à minha compreensão, como um dos residentes que andava de um lado para o outro, sentava-se por alguns minutos num banco, para de seguida, se levantar e novamente voltar a andar de um lado para o outro, ou outros que se sentavam para conversar comigo (ou eu me sentava para conversar com eles) e intercalavam as curtas falas com longos silêncios.

Além disso, o processo de *estranhamento* daquilo que outrora me foi familiar veio a revelar-se uma das etapas mais difíceis (Velho, 2003, Oliven, 2007). Penso que as tensões entre o familiar e o estranho estiveram presentes durante toda a investigação. Estranhar o familiar e familiarizar o estranho (Velho, 2003) tornou-se vital para adentrar num outro nível de significação, nunca pensado antes da entrada em campo.

O *estranhamento* implica uma emancipação do pensar, no sentido de estranhar pensamentos, práticas, representações e relações (Tornquist, 2006). Foi significativo o esforço desenvolvido durante o processo de estranhamento do familiar, numa perspectiva estritamente analítica (Velho, 2003), processo esse que é difícil e doloroso, uma vez que implicou um descentrar do olhar que trouxe mudanças irreversíveis à minha forma de ver.

Estar *em campo* alternou entre o estranho e o sentir-me completamente em casa. Em qualquer dos momentos, tive que refletir sobre o assunto e adotar posturas concordantes. Apesar de entender que a observação participante supõe interação e que as informações e respostas que são dadas dependerão em muito do comportamento e das relações que desenvolveria com o grupo estudado, senti-me, em muitos momentos, um estranho constantemente observado. Nesta situação foi necessária uma autoanálise, inserida na própria história da investigação e a tomada de consciência que por mais que me pensasse inserida, pairaria sempre sobre mim a “curiosidade” e talvez a desconfiança.

Nos primeiros momentos senti que era vista por uma multidão de olhares, diretos e cruzados, que me observavam e interpelavam. Utilizando esta metodologia, *mergulhei* no dia-a-dia dos residentes do lar de idosos o que permitiu que efetivamente os encontrasse. *Fiquei ali*, envolvi-me na vida do lar, deixei-me levar pelos acontecimentos. Os movimentos no lar estabelecem uma outra ordem, com movimentações imponderáveis que alteram subtilmente a trama da instituição. Surpreendi-me sempre com algum acontecimento ou alguma conversa e fui aprendendo, aos poucos, que precisava estar atenta e disponível, num modo de funcionamento que convida a um estranho nomadismo. Passei algum tempo nesta fase de integração porque:

- deve-se ter o tempo necessário para interagir e conhecer as pessoas. O trabalho de investigação nunca será completo nem rigoroso se não houver uma dialética genuína: eles e nós transformando-nos uns aos outros (Lieberman, 1999, p. 50).

Desta etapa, complexa, saíram as primeiras linhas orientadoras dos procedimentos de investigação e mostrou-se, mais tarde, particularmente interessante, porque possibilitou conhecer pessoas que se converteriam, posteriormente, em informantes privilegiados.

Ao iniciar o trabalho de campo numa investigação enraizada na GT, em que o objetivo é gerar uma teoria substantiva, senti um certo desamparo porque não existe *muleta* teórica. Esforcei-me para entrar em campo esvaziada de ideias preconcebidas. No entanto dava-me conta de que não parti para este estudo de mente vazia. Encarei com naturalidade este facto porque não é possível, nem desejável esvaziar-me de mim mesma. Percebi que o importante não é ter uma mente vazia, mas sim uma mente aberta. Lüdke e André (1986) afirmam que os fatores não se revelam gratuita e diretamente aos olhos do investigador, e que nem os enfrenta desarmado de todos os princípios e pressuposições, ou seja, desprovido da sua visão do mundo.

Interrogando os dados, baseado no conhecimento que se tem do assunto, vai-se construindo o conhecimento sobre o fenómeno investigado. Ao longo do estudo exercitei-me continuamente para que os conhecimentos anteriormente adquiridos não assumissem o controlo do processo de interpretação e influenciassem a construção da nova teoria, mantendo-a enraizada nos dados.

De início, tornou-se interessante sentir o que McCracken (2003, p. 50), mencionando Thorstein Veblen, chamou de *“penalidade por tomar a iniciativa”*. A ausência de uma tradição académica em determinado campo de estudo faz com que os investigadores que se aventuram em ir por esses caminhos tenham que assumir, além das responsabilidades académicas, as implicações e riscos dos projetos pioneiros, encontrando o seu próprio caminho num território não mapeado.

Por ser fortemente sublinhada pela lógica da descoberta e, portanto, acompanhada pela dúvida e pela incerteza, esta perspetiva metodológica não é livre de angústias, de tensões e de crises. Num primeiro momento, o mundo mostrou-se de forma nebulosa e pouco nítida, por vezes com excesso de estímulos e outras onde aparentemente nada sucedia. Segundo Pais (2007, p. 29), ao passear por caminhos que cruzam *“rotina e rutura”* deve-se ir em busca dos significantes mais do que dos significados.

Por isso as atividades de recolha de dados ocorreram onde eles (idosos) se encontravam: nas varandas, nos corredores, nas salas, nos quartos, no gabinete de Enfermagem, no refeitório, entre outros. A utilização dos espaços abertos permitiu o exercício de uma observação e escuta que não se destina à retificação das subjetividades, mas a um acolhimento das experiências e encontros. Senti, tal como Paúl (1991, p.13) que

- são meus parceiros durante meses, sentamo-nos lado a lado, deixamos correr o silêncio, ou as palavras, não sei se nos chegamos a compreender. Há uma certa cumplicidade táctica: eu faço a minha leitura, seguramente eles fazem a deles. Temos apenas acesso à percepção das coisas. É subjectivo.

Durante esta investigação, a ideia de que tudo o que era dito e feito, por qualquer pessoa poderia ser utilizado como informação não foi admitida, em nenhum momento, em nenhuma circunstância. Foram considerados cuidadosamente os efeitos deste estudo sobre as pessoas implicadas. Assim sendo, sempre que no decorrer de um procedimento de investigação se notaram efeitos nefastos nos

participantes, foram suspensos de imediato e além disso excluíram-se parcial ou totalmente, partes de alguns testemunhos efetuados, sempre que mostravam potencial de lesar direta ou indiretamente os seus interesses ou de terceiros. Nunca se pretendeu que este estudo se convertesse eventualmente num catálogo de conflitos e recriminações. Ainda assim, concordo com Jorgensen que diz “*não há nenhuma maneira de garantir que, numa investigação, todos os aspetos éticos tenham sido absolutamente respeitados*” (1989, p.29). Afirmo-o porque não me foi fácil, durante a permanência em campo, harmonizar o envolvimento e a imersão necessária e atingir o equilíbrio entre a basilar relação de confiança que se estabeleceu com a distância obrigatória a uma apreciação objetiva dos factos, indispensável à análise.

Paulatinamente os residentes e profissionais habituaram-se à minha presença. Respondi ao interesse deles o melhor que soube, mas nem sempre me foi fácil manter o “*equilíbrio entre o envolvimento e o desprendimento, a proximidade e o afastamento, a familiaridade e distância*” (Adler & Adler, 1994, p. 382). Quando surgiam situações que dificultavam ou impediam a recolha de dados procurei entendê-las “*não como obstáculos mas como oportunidades para ver as características reais da realidade*” (Lieberman, 1999, p. 49).

Aconteceu algumas vezes envolver-me demasiado com as dificuldades de um residente ou colega e despender o tempo que deveria ser de observação, restringindo assim a recolha de dados. Noutras situações senti a necessidade de me distanciar de alguns residentes que, de tanto quererem conversar ou simplesmente estar comigo, me impediam de continuar o meu trabalho por não conseguirem observar o que acontecia. Tantas vezes me senti triste como enfermeira... mesmo estando satisfeita com os dados que, como investigadora, conseguia recolher. O conflito entre o papel de investigadora e o de enfermeira (Foster, 2002) acompanhou-me ao longo de toda a recolha dos dados e, em determinados momentos, senti o desgaste físico, intelectual e emocional referidos por Graue, Walsh e Daniel (1998).

Em alguns momentos, sentia que algo me escapava e formava hiatos na análise dos dados. Assim, para aceder e desvendar o significado não só do discurso, mas da vivência à qual se adere foram fundamentais os dados recolhidos com observação participante ao desvelar aspetos difíceis do quotidiano de exemplificar pela palavra e os dados recolhidos com as entrevistas ao permitir aceder ao pensado e refletido.

Foi complicado, como investigadora, confrontar-me com nichos de solidão povoada. Uma solidão subtil, difícil de entender de início, mas que com o tempo percebi ser uma solidão que não significa simplesmente estar sozinho, solitário com o seu quotidiano, mas um estar só e simultaneamente aberto aos mais diferentes encontros, numa solidão múltipla, criativa. Também encontrei dicotomias entre felicidade e infelicidade e por vezes uma recusa a outras possibilidades de habitar o mundo. Uma das primeiras impressões que tive foi de que a maioria dos idosos passavam os dias sem fazer nada, apenas à espera da hora das refeições. Um idoso passava dias consecutivos, sentado a olhar para a rua, da janela, mas quando lhe perguntei sobre as pessoas que passavam, olhou-me confuso e disse “estava distraído”. Numa conversa ao fim da tarde, uma residente, referia-se ao facto de ter trabalhado de sol a sol e que, hoje, já não podia fazer nada, “sou um peso morto”. Falou da falta de saúde para poder trabalhar, mas, ao mesmo tempo, dizia que não queria trabalhar mais, mesmo que pudesse, porque já trabalhara muito na vida e agora “estou aqui para descansar”.

Com o tempo percebi que os mesmos idosos que referem que sentem vontade de sair e falta de atividade são os mesmos que quando convidados a fazer algo, preferem ficar nos seus lugares “sem fazer nada”. Isto incomodou-me e causou estranheza como se de “proliferações imensas que não estão preocupadas com a realização de um possível” (Henz, 2005, p.22) se tratassem. Porém, com o avançar do tempo e das observações realizadas, pude perceber que este “fazer nada” era, a maioria das vezes, dito sem angústia, e permitia aos residentes, alguma atividade dentro de outra lógica.

Tive que pensar na relação entre desaceleração, libertação (nova liberdade conquistada) e exaustão. Exaustão não como passividade ou cansaço, mas uma atividade intensiva para o nada. É um conceito, um afeto, um estado da alma que comporta uma certa abertura, uma força libertadora, em relação aos estereótipos, aos automatismos, ou, ainda, aos movimentos ou encadeamentos do mundo. Passa-se de “não ter vontade de” para “ter vontade de nada”. Na experiência do lar, vivi essa tensão paradoxal entre uma atitude de passividade e atividade, de desagregação e abertura. Sentei-me muitas vezes nos bancos, da varanda e das salas, junto com os que estavam “sem fazer nada”. Apenas me sentava, sem me dirigir a ninguém, sem perguntar nada, num exercício extenuante. Alguns olhavam-me muito, outros não. O intuito era estar ali, apenas sentada com eles, acompanhar o modo como cada um se deslocava pelo quotidiano, estar aberta ao que se experimenta e expor-me a todos os contatos. Circular em espaços abertos, ouvir, observar e poder sustentar, nesses encontros, uma maior abertura ao poder afetar e ser afetado. Houve falas esporádicas e espontâneas, sorrisos, comentários, movimentações. Passavam pessoas, chegavam outras, batia o vento, ouvia-se a chuva, via-se o sol, ouvia-se o ruído da civilização apressada ao longe. Aprendi muito, nesses momentos, acerca de calar a minha verborreia inata.

Durante este trabalho percebi que os idosos tentam unir dois momentos, antes da entrada no lar e o momento atual. Dois retalhos separados, dois momentos da sua temporalidade, que, no agora, tentam unir, formando assim uma colcha de retalhos. Ou seja, o momento atual não é constituído apenas pelo momento que se vive, mas é um agora constituído por todos os seus retalhos...

Com eles foi possível “...ver qual o ponto aonde chegaste, tu que percorreste um caminho tão longo como aquele que será também por nós percorrido” (Cícero, 2009, p. 15).

Um investigador é antes de tudo uma pessoa, e como pessoa partilhei com os participantes, durante muito tempo, os seus bons e menos bons momentos e quando abandonei o campo, foi difícil despedir-me das relações criadas com as pessoas. Cada vez que relia as transcrições ou ouvia as entrevistas lembrava-me de muitas situações e de muitos rostos com a nitidez que só as boas lembranças deixam. Muitas vezes ainda sorrio, noutras os olhos enchem-se de lágrimas.

MOMENTOS EUREKA

Em *GT* os processos de recolha e a análise de dados são estreitamente ligados e simultâneos. A análise foi conduzida num processo indutivo e dedutivo, iterativo, não-linear, o que levou a examinar os dados, procurando todas as interpretações possíveis, utilizando procedimentos de codificação, para descobrir conceitos e constructos e progressivamente refinar e modificar os mesmos (Strauss & Corbin, 2008).

A análise dos dados é uma atividade árdua e intensa que requer perspicácia, inteligência, criatividade, sensibilidade conceptual e absoluta dedicação ao trabalho (Polit, Becker & Hungler, 2004). É um processo que requer conjectura e verificação, correção e modificação, em que o agrupar de dados torna evidente o invisível, vincula e atribui consequências (Morse & Richards, 2002).

A codificação aberta começou imediatamente após a primeira nota de campo, analisando linha a linha, como instrumento inicial para a abertura dos dados, numa tentativa de identificar fragmentos tão curtos como uma palavra ou pequenas frases que transmitissem significado (códigos). Este processo é associado ao desenvolvimento precoce de conceitos e consiste em “identificar um pedaço ou unidade de dados (uma passagem do texto de qualquer comprimento) como pertencente a representar ou ser um exemplo de algum fenómeno mais geral” (Spiggle, 1994, p.493). Muitos códigos encontrados estavam fortemente relacionados com outros de tal forma que puderam ser agrupados juntos num conceito. Da mesma forma, muitos conceitos foram agrupados em categorias.

As categorias foram agrupadas em famílias de categorias colocando alguma ordem no pensamento. O objetivo foi reduzir o amplo número de códigos e categorias obtidos, resultado inicial da análise de dados. Tratou-se de uma fase muito complexa que permitiu criar padrões de pensamento e desenvolver o processo de categorização. Foram necessárias várias voltas, vários olhares, aos dados recolhidos e transcritos para esclarecer dúvidas e cimentar ideias. Alguns códigos caíram e outros evoluíram para categorias conceptuais, o que significa que a nomenclatura das categorias surgiu a partir do processo de análise.

À medida que os dados começaram a acumular-se em categorias foi fundamental parar para refletir sobre os mesmos. Este processo de reflexão foi registado com a redação de memos que permitiram tornar-me reflexiva numa fase bastante inicial da investigação. Segundo Glaser (2013) devemos interromper qualquer atividade para parar e escrever uma nota. Escrever uma nota quando surge uma ideia, normalmente significa que o investigador captura temas pré-conscientes que são grounded, enquanto a sua mente divaga sobre comparações constantes de incidentes. Também incorporei memos imediatamente após a recolha de dados quando necessitava de documentar e descrever, de forma mais analítica, as minhas impressões, ideias e interpretações que foram revisitadas para mapear a teoria emergente. Durante a evolução da análise, os memos ajudaram-me a perceber diferentes aspetos do fenómeno em estudo. Assim, a reflexividade em todo o processo de análise foi incentivada e promovida.

Estando a trabalhar no domínio da GT o método de comparação constante esteve sempre presente. Comparação contínua dos incidentes (unidades mínimas de análise) de dados, a fim de refinar conceitos, identificando as suas propriedades, explorar como se relacionam entre si e integrá-los numa teoria. (Strauss & Corbin, 2008). Este processo de comparação constante foi empregue em toda a análise, a partir de codificação aberta inicial até à fase de integração, durante o desenvolvimento teórico, assumindo que o que considero “real” é problemático e que as minhas análises são interpretativas.

As categorias começaram a desenvolver-se e a alterar-se, ao adicionar novas codificações através da análise de novos dados. Começou a desenvolver-se a matriz da essência do fenómeno. Nesta fase a forma de codificação tornou-se mais sofisticada,

designada por codificação axial (Glaser & Strauss, 1967), valorizando conceitos em termos das suas inter-relações dinâmicas, que irão formar a base para a construção da teoria. Foi a partir desta fase que as dimensões das categorias foram identificadas.

Aconteceu estar a analisar dados indutivamente, ou seja, partindo de incidentes específicos, tentar incluí-los em categorias, numa classificação mais geral e abstrata e simultaneamente pensar em “constructos abstratos e muitas vezes imprecisos que o investigador identifica antes, durante ou após a recolha de dados” (Ryan & Bernard, 2000, p. 780), uns mais gerais, outros mais específicos nos quais me parecia que as categorias se poderiam integrar. Nessas situações, fazia o percurso inverso percorrendo as transcrições na tentativa de perceber se os dados registados confirmavam a minha hipótese.

A saturação teórica foi alcançada quando não foram identificadas novas propriedades ou relações entre códigos e categorias, mesmo quando novos dados descritivos foram adicionados. Os dados adicionais contribuíram para a riqueza da descrição das categorias sem expandir ou adicionar novos códigos.

Nesta fase contabilizavam-se 263 horas de observação,¹⁵ entrevistas, convertidas em 48 ficheiros num total de 220 páginas de transcrição.

Precisei alcançar distância das situações vividas e dos dados recolhidos para que a dimensão afetiva não interferisse na análise que pretendi rigorosa. Considero que só bastante tempo depois de concluir a recolha de dados e sair de campo, consegui sentir distância em relação à realidade observada o que me fez, várias vezes, visitar os dados. Foi nesta fase então, que desenvolvi a totalidade do modelo, ligando as categorias e os processos identificados nas fases de codificação anteriores, numa composição coerente, com significado teórico e rastreável através dos dados.

A fase da análise de dados foi uma das mais desafiadoras. Como se operacionaliza em simultâneo com a recolha de dados, à medida que a ansiedade na recolha de dados se esbatia e me sentia mais confortável na minha pele de investigadora, os dados agigantavam-se, e senti-me muitas vezes assoberbada. Felizmente continuei.

O *software* de computador, pela facilidade e flexibilidade que permitem no manuseamento dos dados, possibilita experimentar diferentes perspetivas de abordagem dos dados, o que não seria fácil com recursos tradicionais. Atualmente existe uma grande variedade de *software* para apoiar a análise qualitativa, não existindo um programa melhor ou mais específico (Weitzman, 2000) para *GT*, pelo que procurei um que se adequasse à análise que queria desenvolver. Optei pelo NVivo[®] 10 e mais tarde NVivo[®] 11, utilizado principalmente como auxiliar no processo de organização, indexação e revisão dos dados para localizar e armazenar os segmentos de dados que representavam as categorias emergentes. Como os dados foram obtidos através de entrevistas e observações, o programa ajudou muito a diminuir a ansiedade e angústia já que, não raramente, me sentia perdida no meio de uma montanha de textos, facilitando a recuperação de dados, para análise comparativa constante, e para encontrar excertos particulares enquanto se escreviam os capítulos principais da tese.

Contudo, como refere Weitzman “em termos simples, o computador não substitui o investigador...nem pode fazer a análise por ele...apenas proporciona ferramentas para ajudar o investigador na análise” (2000, p. 803). A grande tarefa de (re) interpretar todos os dados, de perceber e respeitar as ambiguidades, de procurar os detalhes, de perceber o implícito, de (re) unir constantemente as partes, de (re) construir a teoria diversas vezes, fez parte dos desafios (e dos dilemas) que se me colocaram.

Lembro o entusiasmo quando os dados começaram a tomar forma e algumas categorias surgiram. Recordo que, na terceira entrevista, senti que determinada resposta poderia vir a ter um papel fundamental na teoria. Mais tarde, numa fase de análise teórica essa *tal resposta* que começou como código *in vivo* viria e emergir como processo social básico e a permitir explicar a relação entre processos e categorias. Momentos de emoção como estes tive vários.

Ao verificar as várias possibilidades de interpretação e as múltiplas decisões a serem tomadas acerca das análises preliminares até à construção final da teoria, aliadas à percepção referente ao dinamismo e ao movimento do mundo social, uma certeza tornou-se óbvia, os vários pedaços que formam os discursos dos participantes e as notas de campo não são como peças de um quebra-cabeça, como pensei antes de encetar este percurso, que, uma vez colocadas no seu devido lugar, revelariam uma imagem global. Curiosamente, assemelham-se mais a peças de um caleidoscópio que, dependendo do movimento, compuseram, para minha surpresa, imagens diferentes. Estarei para sempre grata à minha orientadora, Professora Doutora Ana Paula Sapeta, por esta forma diferente de pensar.

O retorno à literatura, como não poderia deixar de ser, também ofereceu desafios apesar de ter sido uma etapa importante que me permitiu (re) encontrar com a literatura existente sobre o fenómeno. Senti-me tentada a incluir e reproduzir fielmente alguns dos pressupostos teóricos da área substantiva investigada. Porém, os dados empíricos caminharam por outras direções e indicaram-me ambiguidades e incoerências. Foi difícil, mudar formas antigas de pensar, mas mantive-me fiel ao que foi recolhido no campo. Sensibilidade teórica alicerçada pela reflexividade.

Foram emergindo ideias cada vez mais claras acerca do fenómeno, ainda que em fases iniciais e medianas do estudo identificasse muitos conceitos e categorias cuja relação com a ideia mais ampla não conseguia antever. Nessas situações deixei as ideias em repouso na esperança de, mais tarde, os dados me darem a resposta. Deixei que os dados me guiassem. O que aconteceu. Grata à Professora Doutora Marta Lima Basto pela inspiração.

O momento *Eureka*, que Strauss tanto fala nos seus livros aconteceu exatamente quando deixei repousar os dados (quando estava prestes a desistir). Com reorganização, uma nova forma de ver os dados, a tal forma caleidoscópica de olhar e pensar, emergiu a categoria central e a teoria ganhou vida. Que felicidade indescritível, ao sentir que tudo fazia sentido. Percebi que se confiarmos em nós e nos pressupostos da *GT*, como a imersão nos dados, sensibilidade e reflexibilidade, estes momentos de deslumbre acontecem. “*A investigação é trabalho duro, provoca sempre algum sofrimento, por isso, por outro lado, a investigação deve ser divertida*” (Strauss, 2004).

Na fase em que a redação da tese final parece não avançar, com sucessivos recuos, num compromisso com a manutenção do eu como investigadora, mas descompassada entre a vivência da investigação e a redação da investigação, senti que, apesar da simultaneidade temporal da recolha e análise dos dados, existe a pressão entre dois tempos, o da vivência da investigação e o da escrita da tese final. A distância temporal que ocorre entre o “estar lá” e o “escrever aqui” implicou um esforço reflexivo, demorado, frente à descontinuidade do tempo vivido.

CONCLUSÃO

Ao refletir sobre a investigação em si, recordo claramente vários momentos marcantes deste percurso. Lembro como depois de comprar e ler o livro *Basics of Qualitative Research. Techniques and Procedures for Developing Grounded Theory* de Anselm Strauss e Juliet Corbin pensei que a GT era um método claro e simples de seguir. Como estava enganada.

Recordo todos os desafios que enfrentei nas cerca de 300 horas de contacto, as mais de 200 páginas de texto, entre notas de campo e entrevistas, que pareciam compor um extenso quebra-cabeça, um puzzle gigante, para ser visto e revisto, ordenado e reordenado, diversas e incansáveis vezes até que os dados se agrupassem e entrelaçassem, com relações lógicas que produzissem um sentido. Vieram à superfície, alguns momentos de angústia e incerteza e alguns dias de desânimo e desamparo, quando os dados não pareciam fazer sentido e após horas de trabalho debruçado sobre os mesmos, percebia que toda a análise realizada não estava correta e que no dia seguinte teria que recomeçar.

Relembro a riqueza e complexidade dos procedimentos da GT que ao longo do processo de investigação se articularam de forma cumulativa e integrativa. Embora o processo que conduz à teoria os integre numa sequência em que os procedimentos mais complexos integram e acumulam resultados dos procedimentos mais simples, o uso de procedimentos mais simples nunca se esgota, sendo recorrentes e alternados com os processos de maior complexidade, num movimento de ida e volta e comparação constante, que garante a densidade da teoria, mas torna o processo de análise difícil e moroso.

Após vinte e um meses de trabalho de campo, com recolha de dados conjugada com tratamento e análise dos dados, nos quais foram despendidas milhares de horas, na tentativa de compor um fragmento teórico que fizesse sentido, muitas foram as dúvidas, os dilemas, as dificuldades, mas também os momentos de entusiasmo, emoção, espanto, júbilo e realização por perceber o quanto aprendi e cresci, numa lucidez mental às vezes estonteante. Tive vários dias assim.

A meio da minha investigação, percebi que trabalhar com a GT envolve várias jornadas separadas, mas concorrentes e consecutivas. Existiu uma jornada intelectual, à medida que compreendia melhor os debates técnicos e históricos em redor da GT, as suas implicações e posições teóricas subjacentes a cada corrente ou escola, que foi também uma jornada criativa porque percebi como se relacionava com a minha questão de investigação e os contextos pessoais e profissionais onde teria lugar o estudo. Um aspeto central da GT é que os dados são analisados desde o início do estudo e influenciarão estádios posteriores da recolha de dados, em fase mais avançada da análise. Isto significou que à medida que trabalhava os dados regressava frequentemente ao método, numa experiência interativa, reflexiva que se aprofundava à medida que o estudo progredia. Esperava, como investigadora, colocar várias questões aos dados, nunca esperei nem antecipei que os dados e o próprio percurso de investigação me colocassem tantas questões a mim.

Destaco ainda, a jornada emocional, relacionada muitas vezes com um sentimento de frustração latente que me acompanhou durante todo o processo. Neste momento, penso que resulta do facto de saber que trabalhei com uma realidade que é complexa e multifacetada, que nos questiona continuamente e torna difícil

vislumbrar a saturação teórica. Por outro lado penso também que está relacionado com a importância da observação detalhada e da vivência no campo e no quotidiano das pessoas. Tornou-se de essencial importância considerar os gestos, o tom de voz, a expressão facial, os pequenos comentários, as ambiguidades encontradas entre o dito e não dito, entre o dito e não feito, entre o feito e o não dito. Só depois de o perceber, consegui continuar num caminho claro que permitia ver pela primeira vez de forma límpida a construção da teoria.

A GT permitiu-me movimento e flexibilidade, mas mantendo a sistematização e estruturação, como cordas que seguram mas não prendem. Foi intelectualmente estimulante, obrigou-me a ler muito, muitas vezes para além das minhas fronteiras e das fronteiras da minha disciplina, e com isso conhecer obras e autores que não esquecerei. Permitiu-me realmente ouvir o que as pessoas tem a dizer e fazer perguntas para tentar entender o seu mundo, e observar as suas ações no contexto natural onde ocorrem. Apoiou o pensamento indutivo e dedutivo simultâneo que se adapta à minha forma de investigar. Permitiu-me descobrir intangíveis, o que realmente acontece e não o óbvio, mantendo o pensador independente que existe em mim.

O afastamento emocional do contexto, durante a recolha de dados, foi uma das maiores dificuldades experimentadas que se manteve mesmo após a saída de campo. Recordo os momentos aí passados, as caras, os sorrisos, os olhares, as palavras, o carinho e a nostalgia. Recordo *“naquilo que me diz respeito, e devido ao meu amor pela conversação... os «banquetes ao entardecer»... estou profundamente grato à velhice por ter aumentado em mim o desejo de conversar...”* (Cícero, 2009, pp. 42-43). Continuo preocupada com eles. Sei que alguns já não estão entre nós e outros estão mais dependentes e incapacitados e isso entristece-me. Encontrei um deles há pouco tempo que me disse *“olha a menina enfermeira do doutoramento. Então o trabalho? Vai bem? Veja lá, faça uma coisa bem feitinha sobre nós”*. Sorriu e afastou-se no seu deambular lento e curvado e eu emocionei-me.

O trabalho de investigação realizado é exatamente sobre eles. A todos agradeço profundamente pela participação, mas também porque me fizeram novamente apaixonar pela minha profissão.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ADLER, P. & ADLER, P. (1994). Observational techniques. In N. Denzin & Y. Lincoln (Eds.), *Handbook of qualitative research* (pp. 377-392). Thousand Oaks, CA: Sage Publications.
- AMENDOEIRA, J. (2000). O cuidado de enfermagem: Que sentido(s)? In A. Costa et al, *Ensino de enfermagem: Processos e percursos de formação. Balanço de um projecto* (pp.66-77). Lisboa: Ministério da Saúde, Departamento de Recursos Humanos da Saúde.
- BOGDAN, R. & BIKLEN, S. (1994). Dados qualitativos. In R. Bogdan & S. Biklen, *Investigação qualitativa em educação: Uma introdução às teorias e aos métodos*. (pp.147-202). Porto: Porto Editora.
- BRYANT, A. & CHARMAZ, K. (2007). Introduction: Grounded theory research: Methods and practices. In A. Bryant, & K. Charmaz, (Eds.). *The SAGE handbook of grounded theory*. (pp.1-28). London: Sage.

- CHARMAZ, K. (2009). *A Construção da teoria fundamentada*. Porto Alegre: Artmed.
- DENZIN, N. & LINCOLN, Y. (2000). Introduction: The discipline and practice of qualitative research. In N. Denzin & Y. Lincoln (Eds.). *Handbook of qualitative research* (pp. 1-29). (2ª ed.). Thousand Oaks, CA: SAGE Publications.
- CÍCERO, M.T. (2009). Rio de Mouro: Biblioteca Editores Independentes. (Original publicado em 1917).
- FERNANDES, E. & MAIA, A. (2001). Grounded theory. In E. Fernandes, & L. Almeida, (Org.). *Métodos e técnicas de avaliação: contributos para a prática e investigação psicológica* (pp. 49-76). Braga: CEEP Edições.
- FOSTER, P. (2002). Using case-study analysis in technology education research. *Journal of Career and Technical Education*, 19(1), 15-31.
- GLASER, B. (1978). *Theoretical sensitivity: Advances in the methodology of grounded theory*. Mill Valley, CA: Sociology Press.
- GLASER, B. (1992). *Basics of grounded theory analysis*. Mill Valley, CA: Sociology Press.
- GLASER, B. (2013). Introduction: Free Style Memoing. *The Grounded Theory Review*, 12(2). Acedido a 23 de Outubro de 2014. Disponível em: <http://groundedtheoryreview.com/2013/12/22/introduction-free-style-memoing/>
- GLASER, B. & STRAUSS, A. (1967). *The discovery of grounded theory: Strategies for qualitative research*. Chicago: Aldine.
- GLESNE, C. & PESHKIN, P. (1992). *Becoming qualitative researchers: An introduction*. White Plains, NY: Longman.
- GOULDING, C. (1999). *Grounded theory: Some reflections on paradigm, procedures and misconceptions*. Working Paper Series, WP006/99. Wolverhampton, UK: University of Wolverhampton. <http://citeseerx.ist.psu.edu/viewdoc/download?doi=10.1.1.116.3233&rep=rep1&type=pdf>
- GRAUE, M. & WALSH, D. (1998). *Studying children in context: Theories, methods, and ethics*. Thousand Oaks, CA: Sage Publications.
- GUBA, E. & LINCOLN, Y. (1994). Competing paradigms in qualitative research. In N. Denzin & Y. Lincoln (Eds.), *Handbook of qualitative research* (pp. 105-117). Thousand Oaks, CA: Sage Publications.
- HENZ, A. (2005). *Estéticas do esgotamento: extratos para uma política em Beckett e Deleuze*. (Tese de Doutoramento), Pontifícia Universidade Católica, São Paulo. Acedido a 3 de Março de 2016 em <http://www.pucsp.br/nucleodesubjetividade/Textos/esgotadoalexandre.pdf>.
- JANESICK, V. (2000). The choreography of qualitative research design: Minuets, improvisations, and crystallization. In N. Denzin & Y. Lincoln (Eds.), *The handbook of qualitative research* (pp. 379-400). Thousand Oaks, CA: Sage Publications.
- JORGENSEN, D. (1989). *Participant Observation. A methodology for human studies*. London: Sage Publications.
- LIBERMAN, K. (1999). From walkabout to meditation: Craft and ethics in field inquiry. *Qualitative Inquiry*, 5, 47-63. <https://doi.org/10.1177/107780049900500103>

- LÜDKE, M. & ANDRÉ, M. (1986). *Pesquisa em educação: Abordagens qualitativas*. São Paulo: E.P.U.
- MAGNANI, J. (1986). Discurso e representação, ou de como os Baloma de Kiriwina podem reencarnar-se nas atuais pesquisas. In R. Cardoso (Org.), *A aventura antropológica: teoria e pesquisa* (pp. 127-140). Rio de Janeiro: Paz e Terra.
- MCCRACKEN, G. (1988). *The long interview*. Newbury Park, California: SAGE Publications.
- MORIN, E. (1996). *O problema epistemológico da complexidade*. Mem Martins: Publicações Europa-América. (Original publicado em 1983).
- MORIN, E. (2002). *Ciência com consciência*. (6ª ed.). Rio de Janeiro: Bertrand Brasil. (Original publicado em 1982).
- MORIN, E. (2005). *Introdução ao pensamento complexo*. Trad. Eliane Lisboa. Porto Alegre: Sulina. (Original publicado em 1990).
- MORSE, J. & RICHARDS, L. (2002). *Readme first for a reader's guide to qualitative methods*. Thousand Oaks, CA: Sage Publications.
- MORSE, J. STERN, P. CORBIN, J. BOWERS, B. CHARMAZ, K. & CLARKE, A. (2009). *Developing grounded theory: The second generation*. Walnut Creek, CA: Left Coast Press.
- OLIVEN, R. (2007). *A Antropologia de grupos urbanos*. (6ª ed.). Petrópolis: Vozes.
- PAIS, J. (2007). Cotidiano e reflexividade. *Educação & Sociedade*, 28(98),23-46. <http://dx.doi.org/10.1590/S0101-73302007000100003>
- PAÚL, M. C. (1991). *Percursos pela velhice: Uma perspectiva ecológica em psicogerontologia*. (Tese de Doutoramento). Universidade do Porto. Instituto de Ciências Biomédicas de Abel Salazar: Porto Acedido a 23 de Novembro de 2014. <http://repositorio.ispa.pt/handle/10400.12/1668>.
- POLIT, D., BECK, C. & HUNGLER, B. (2004). *Fundamentos de pesquisa em enfermagem: Métodos, avaliação e utilização*. (5ª ed.). Porto Alegre: Artmed.
- RYAN, G. & BERNARD, R. (2000). Data management and analysis methods. In: N. Denzin & Y. Lincoln (Eds.) *Handbook of qualitative research*. (2ª ed.) (769-802). Thousand Oaks, CA: Sage Publications.
- SCHWANDT, T. (2001). *Dictionary of Qualitative Inquiry*. (2ª ed.). London: Sage Publications.
- SPIGGLE, S. (1994). Analysis and interpretation of qualitative data in consumer research. *Journal of Consumer Research*, 21(3),491-503.
- STRAUSS, A. (2004). La investigación es trabajo duro, siempre está ligada a cierta dosis de sufrimiento. De ahí que por otro lado, deba ser entretenida, divertida: Anselm Strauss en conversación con Heiner Legewie y Barbara Schervier- Legewie. *Forum: Qualitative Social Research*, 5(3). Acedido a 20 de Novembro de 2012. Disponível em: <http://www.qualitative-research.net/index.php/fqs/article/view/562/1221> em <http://www.qualitative-research.net/fqs>.
- STRAUSS, A. & CORBIN, J. (1990). *Basics of qualitative research: grounded theory. Procedures and techniques*. London: Sage Publications.
- STRAUSS, A. & CORBIN, J. (1997) *Grounded theory in practice*. London: Sage Publications.
- STRAUSS, A. & CORBIN, J. (2008) *Basics of qualitative research: Techniques and procedures for developing grounded theory*. (3ª ed.). London: Sage Publications.

SKODOL-WILSON, H. & AMBLER-HUTCHINSON, S. (1996). Methodological mistakes in grounded theory. *Nursing Research*, 45(2),122-4.

TORNQUIST, C. S. (2006). *Vicissitudes da subjetividade*. Anais do VII Seminário Fazendo Gênero 28, 29 e 30 de agosto de 2006. Acedido a 14 de Setembro de 2015. Disponível em: http://www.fazendogenero.ufsc.br/7/artigos/C/Carmen_Susana_Tornquist_52.pdf

VELHO, G. (2003). O desafio da proximidade. In G. Velho & K. Kuschnir. *Pesquisas urbanas*. (pp. 11-19). Rio de Janeiro: Jorge Zahar.

WEITZMAN, E. (2000). Software and qualitative research. In N. Denzin & Y. Lincoln (Eds.), *Handbook of qualitative research* (pp. 803-820). (2ª ed.). Thousand Oaks, CA: Sage.

PERCORRENDO
LABIRINTOS.
REFLEXÃO
SOBRE UM ESTUDO
COM GROUNDED
THEORY